

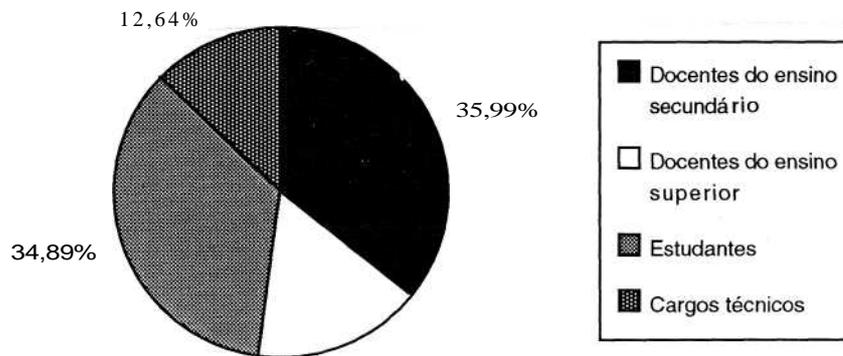
I CONGRESSO DA GEOGRAFIA PORTUGUESA

Portugal uma Geografia em mudança?

A Associação Portuguesa de Geógrafos (A.P.G.) realizou em Lisboa, nos dias 17, 18 e 19 de Abril último, o / *Congresso da Geografia Portuguesa*, tendo como principal objectivo a análise das mutações que têm vindo a ocorrer nas ciências geográficas.

A iniciativa revestiu-se de grande significado, não só pelos temas sugeridos, que apelavam desde o início a uma reflexão nova, como pelos problemas abordados. Foi assim possível um confronto de ideias sobre a actual intervenção do geógrafo na comunidade científica e no mercado de trabalho, que, ao criar novos horizontes, obriga a uma reformulação teórica e prática da Geografia.

Tendo como pano de fundo as novas instalações do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, na Cidade Universitária, o Congresso contou com cerca de 370 participantes, destacando-se a forte adesão de docentes do ensino secundário e estudantes (fig. 1).



16,48% Fig. 1 — Participantes no I Congresso da Geografia Portuguesa.

De acordo com a estrutura organizativa, foi possível assistir e participar em três tipos de actividades: comunicações e debates, exposições e viagens de estudo.

1. *Comunicações e debates.*

Decorrendo em duas salas sob a forma de sessões paralelas, o que acarreta sempre alguns inconvenientes, a apresentação das comunicações obedeceu ao seguinte agrupamento temático:

TEMAS	Nº COMUNICAÇÕES		
	Previstas	Apresentadas	Publicadas
A — Novas perspectivas teóricas para a Geografia.	7 4	6	2 1
B — Geografia Física e Geografia Humana: corte ou integração? C — Geografia e ensino. D —	6 6 6	4	4 6
Novas temáticas numa velha ciência. E — Do	4 6 4	6 6 6	4 3 4
ambiente à reabilitação urbana. F — Portugal:	3	4 6	4 3
litoral/interior, urbano/rural. G — Imagem e	46	4 3	35
território. H — Informação geográfica e cartografia.		45	
I — Catástrofes naturais e Geografia.			
<i>TOTAL</i>			

A primeira observação que nos sugere a leitura deste quadro é sem dúvida a grande diversidade de temas considerados. A sua selecção, de acordo com os objectivos do Congresso, pretendeu lançar um desafio no sentido de diversificar e alargar temáticas, que permitissem identificar traços de mudança na Geografia portuguesa. Como é referido por Isabel André e Carlos Sirgado, em notícia publicada após o Congresso na revista *ínforgeo* "(...) os temas propostos (...) visavam, entre outros objectivos, repensar a geografia e as aplicações profissionais que tem tido. Pretendia-se, sobretudo, motivar uma participação activa, onde fosse possível debater as principais preocupações dos geógrafos, fossem professores, planeadores, gestores..."¹.

Contudo, apesar de toda a adesão e balanço favorável, o estímulo lançado pelos organizadores não foi totalmente correspondido, pondo em dúvida uma efectiva mudança e apontando mesmo no sentido da manutenção de certas linhas tradicionais. Sintomático desta situação, é o facto da Comissão Organizadora do Congresso ter inicialmente proposto onze temas, dos quais sobreviveram apenas sete, provavelmente em consequência do tipo de textos que foram recebidos.²

De qualquer modo, não podemos deixar de salientar, como exemplos de inovação, algumas das comunicações proferidas no domínio dos temas D, E, H e I, embora no primeiro talvez fosse de excluir a questão da Geografia Política, que pensámos não ser uma "nova temática numa velha ciência", mas sim uma "velha" temática renovada numa ciência que se pretende nova.

Uma igualmente "velha" discussão, mas que sem dúvida foi importante retomar, diz respeito à dualidade da Geografia (tema B), sobre a qual destacaríamos duas ideias principais: por um lado, a procura da unidade perdida (sempre defendida nem sempre desejada), por outro, a necessidade de afirmação da Geografia Física, que começa finalmente a definir os seus

¹ "Um breve balanço do Congresso", *Inforgeo*, Lisboa, nº 2, Junho 91, p. 6 e 7.

² Com efeito, foram anulados quatro temas, nomeadamente, "*Os geógrafos no mercado de trabalho; que novas oportunidades?*", "*Portugal: um país sem fronteiras?*", "*Dos lápis de cor ao computador: qual a responsabilidade dos geógrafos na produção cartográfica?*", "*Paisagens e modelos... e agora?*" e acrescentados dois: "*imagem e Território*" e "*Informação Geográfica e Cartografia*".

possíveis contributos na grande "revolução" que se antevê e na qual a Geografia Humana é de longe a mais implicada.

A Geografia, no seu conjunto, tem necessariamente de enunciar os seus princípios de aplicabilidade, o que se toma cada vez mais imprescindível perante questões tão actuais como o Ambiente e o Ordenamento Territorial. As comunicações do tema B, além de reafirmarem o ponto um, lançam pistas para uma provável resolução do problema enunciado: o ambiente e o ordenamento do território poderá surgir comq forma de superar a dualidade da Geografia, pelo encontro de uma temática de ligação. Nesta perspectiva, como que se estabelece um rumo provável : o retorno a uma nova forma de "regionalismo", não no âmbito tradicional do termo, mas no apelo à elaboração de trabalhos que exigem a colaboração íntima entre a Geografia Física e a Geografia Humana. Desta união resultará neces*sariamente o reforço e a imposição da Geografia como ciência espacial por excelência, como ciência capaz de ter uma voz activa numa equipa pluridisciplinar.

2. *Exposição Bibliográfica e Cartográfica.*

Em simultâneo com a apresentação das comunicações, decorreu uma exposição bibliográfica e cartográfica no átrio exterior às salas de conferência, permitindo aos participantes tomar conhecimento do que de novo se tem feito no âmbito da investigação científica em Geografia e Cartografia, nas Faculdades de Letras de Lisboa e Porto, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e nos Institutos de Investigação Científica Tropical, Hidrográfico e Geográfico e Cadastral.

Relativamente à Cartografia, gostaríamos de salientar o interesse que despertou a participação de todas as entidades envolvidas. No entanto, merece-nos referência especial a "Mostra de Cartografia Automática e Assistida por Computador", organizada pela Faculdade de Letras do Porto, pelo facto de ter permitido a todos os presentes uma avaliação sumária das possibilidades da informática no domínio da cartografia especificamente geográfica, tanto no campo da Geografia Humana como no da Geografia Física.

Com o mesmo objectivo, o Instituto Geográfico e Cadastral em colaboração com a Anasis-Intergraph, possibilitaram aos visitantes uma interessante demonstração de tratamento automático da informação geográfica.

Ao nível das publicações, foi possível apreciar ou mesmo adquirir exemplares de trabalhos editados pelo Centro de Estudos Geográficos de Lisboa (CEG), pelo Centro de Geografia da Universidade Nova de Lisboa, pelo Instituto de Geografia da Universidade do Porto, pelo Instituto de Investigação Científica Tropical e pelas Selecções do Reader's Digest.

3. *Saídas de campo.*

As visitas, reservadas para o último" dia, efectuaram-se em três áreas distintas: Vale do Tejo, Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros e Bairro de Alfama. As duas primeiras estiveram a cargo de elementos ligados ao CEG de Lisboa, enquanto a terceira foi efectuada sob orientação da Câmara Municipal de Lisboa, mais especificamente de técnicos do Gabinete de Recuperação do referido Bairro.

Admitindo que sobre um congresso desta dimensão muito ficará por analisar e concluir, pensamos que o seu impacto se poderá sintetizar em três palavras "chave" que, interrelacionadas, abrangem grande parte dos elementos focados nesta nota. Elas foram utilizadas com grande frequência pelos oradores, apontando directamente para as procuradas mutações da Geografia:

1. *integração* — afirmando por um lado a necessidade de colocar um travão à polémica gerada em torno da forma como se relacionam a Geografia Humana e a Geografia Física e, por outro, a necessidade de remodelação da visão pluridisciplinar da disciplina. Tal é manifesto nas exigências que actualmente se apresentam às competências do geógrafo, que não deixando de ser um observador por excelência, é acima de tudo aquele que pode concretizar *abordagens de síntese*, nas intervenções que visam resolver problemas de âmbito espacial. Como refere Valente de Oliveira. "*Ela (Geografia) é indispensável como componente de equipas pluri-disciplinares que tenham a ver com o espaço que nos rodeia e com as pessoas que o habitam e pode representar, com frequência, o campo de recrutamento dos coordenadores-integradores encarregados de acções que tenham um e outras como objecto*"¹

2. *Inovação* — relacionada com a anterior, evoca a pertinência de uma constante actualização da acção dos geógrafos, de tal forma que estes encontrem soluções para os problemas do presente, tendo em conta as exigências de um futuro sempre incerto e cada vez mais complexo.

3. *Aplicação* — no sentido de utilizar conceitos e metodologias geográficas em prol de questões tão actuais como o ordenamento do território e o ambiente.

Lembraríamos, a finalizar, as palavras do Eng. Valente de Oliveira na sessão de encerramento do Congresso:

*"A vocação integradora da Geografia, durante algum tempo desvalorizada, começa a emergir como uma vantagem importante dos geógrafos, fazendo-os surgir como elo de ligação entre especialistas com as mais diversas formações"*². Por isso, "*(nunca) a profissão de geógrafo foi tão indispensável como é hoje (...), (sendo) inúmeras as ocasiões em que a (sua) colaboração (é imprescindível). Há muitas novas oportunidades profissionais para os Geógrafos; o grande "senão" da profissão é que ela suporta mal os médiocres...*"³

Elsa Pacheco

Laura Soares

¹ *Ibidem*, nota 1, p. 18

² Direcção da APG e Comissão Organizadora do Congresso, *Actas do 1º Congresso da Geografia Portuguesa*, Lisboa, 1991, p. 1.

³ Valente de Oliveira, *Inforgeo*, Lisboa, nº 2, Junho de 91, p. 16, 17 e 18.